



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JÚLIO CÉSAR LOPES DE OLIVEIRA

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRÁTICAS CULTURAIS DE UMA COMUNIDADE
NEGRA RURAL NO MUNICÍPIO DE ITAPIÚNA, CEARÁ**

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2017

Júlio César Lopes de Oliveira

História, memória e práticas culturais de uma comunidade negra rural no município de
Itapiúna, Ceará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel Em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier

Redenção, Ceara, Brasil

2017

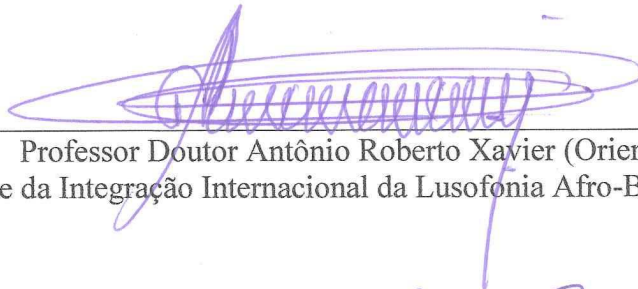
Júlio César Lopes de Oliveira

História, memória e práticas culturais de uma comunidade negra rural no município de
Itapiúna, Ceará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em
Humanidades da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
como requisito para obtenção do título de
Bacharel Em Humanidades.

Aprovado em: 02/08/2017

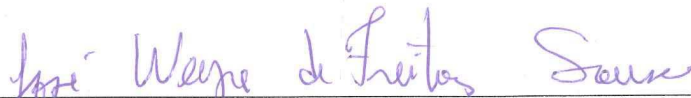
Banca Examinadora



Professor Doutor Antônio Roberto Xavier (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



Professor Doutor Edson Holanda Lima Barboza (Examinador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



Professor Doutor José Weyne de Freitas Sousa (Examinador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

A minha família,
Que sempre esteve ao meu lado
Nos momentos de dificuldades.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre comigo, guiando meus passos.

A toda minha família por estar presente em todos os momentos da minha vida.

Ao meu orientador, amigo, e incansável pesquisador Dr. Antônio Roberto Xavier pelas inúmeras contribuições e incentivo para a realização não somente desta, mas também de outras pesquisas em que faço parte.

Aos amigos que que conheci ao longo do curso, na qual vou levar para toda a vida.

Ao grupo de pesquisa Gestão de Políticas Sórias - GPS em que faço parte, pelo comprometimento e desenvolvimento com a pesquisa na UNILAB, e a contribuição para o meu conhecimento na realização dessa pesquisa.

Aos moradores da comunidade Garrote.

“O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. ”

KABENGELE MUNANGA

RESUMO

Este trabalho teve como meta principal identificar etnicamente os habitantes da comunidade Garrote, e trazer à tona ou dar visibilidade aos sujeitos moradores por meio de suas práticas e saber-fazer do cotidiano da comunidade, com fortes traços afrodescendentes demonstrados vividamente nas expressões culturais e imateriais caracterizadoras dos moradores. Visando a preservação da história e memória da ancestralidade africana, neste sentido a história e a memória coletiva emergida pelas manifestações culturais são partes inerentes e decisivas para a busca da justiça social. Para tanto, busca-se compreender as principais expressões culturais Afro-brasileiras através da etnohistória e da memória coletiva em geral e, especificamente, a partir de um estudo etnográfico na comunidade de Garrote, situada na zona rural do município de Itapiúna, Macrorregião do Maciço de Baturité, Estado do Ceará. Deste modo, justifica-se esta pesquisa com base no interesse pessoal em razão da formação acadêmica de Bacharelado em Humanidades na UNILAB e a consciência fortalecida em razão de uma realidade aprendida e constatada: a sociedade brasileira tem em sua essência cultural o legado africano que somado com as tradições nativas e europeias, o Brasil se torna um celeiro multi e pluricultural e étnico. A pesquisa parte da investigação *in loco*, através da etnohistória, memória coletiva e das expressões culturais que resistem, registra, preservam e mantém viva a identidade e ancestralidade de uma comunidade negra rural no interior cearense.

Palavras-chave: Memória, Expressões culturais, Comunidade, Itapiúna.

ABSTRACT

This work had as main point to identify ethnically the inhabitants of Garrote's community and bring or to give visibility to the subjects residents by your practices and *Savoir-Faire* daily's community, with strong African traits demonstrated vividly in cultural and immaterial expressions characterizing of residents. Desiring the preservation of history and memory of African ancestry, in this sense the history and collective memory emerged by cultural manifestations are inherent and decisive part to the search of social justice. Therefore, we want to understand the main afro Brazilian's cultural expressions beyond ethnohistory and collective memory in general, and specifically, starting of an ethnographic study in Garrote's community, located in the countryside of Itapiúna's city, Macroregion of Baturité's Massif, State of Ceara. That way, justification of this research with base in the personal interest in reason of academic formation in Humanities Bachelor Degree in UNILAB and a strengthened conscience in reason of a learned and verified reality: Brazilian society has your cultural essence an African legacy who added with native and European traditions, Brazil becomes a multi, pluricultural and ethnic barn. This research has started investigation *in loco*, through of ethnohistoty, collective memory and cultural expressions that fight against, register, preserves and keep alive an identity and ancestry of a countryside black community in Ceara's interior.

Keyword: Memory. Cultural Expressions. Community. Itapiúna.

SUMARIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 FORMAÇÃO DA COMUNIDADE GARROTE EM ITAPIÚNA, CEARÁ	12
3 IDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E CULTURAL DA COMUNIDADE GARROTE.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	22

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa é resultante de um Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica, sob orientação do Professor e Pesquisador Doutor Antônio Roberto Xavier. O projeto, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), destina-se a pesquisar a História, Memória e Identidade Étnico-Racial de uma Comunidade negra situada no município de Itapiúna-CE.

A pesquisa, iniciada do ano de 2015 continua em andamento na comunidade de Fazenda Garrote ou somente Garrote que está situada na zona rural acerca de 15 km da sede do Município de Itapiúna (a 112 km de Fortaleza), Maciço de Baturité, Estado do Ceará, Região do Nordeste do Brasil. Atualmente, a comunidade é composta por 83 famílias, e em torno de 500 a 600 moradores, sendo que a maioria dessa população pertence à mesma família, a do paraibano João Pereira da Silva, popularmente conhecido por João Gavião. A comunidade teve sua gênese na década de 1941, através do Sr. João Pereira da Silva, o “João Gavião, ” que juntamente com sua família migrou da localidade de Canto, município de Sousa, Estado da Paraíba (PB) para povoar a localidade denominada Garrote no interior do Estado do Ceará.

Figura 1. Região Maciço de Baturité



Fonte: IPECE- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, 2017.

Etnicamente, essa comunidade contém fortes traços afrodescendentes demonstrados vividamente na aparência física e nas expressões culturais materiais e imateriais caracterizadoras dos moradores de Garrote. Apesar da comunidade ter tido uma mistura com a presença de muitos moradores de outras localidades, as manifestações afro-brasileiras podem ser facilmente identificadas nas práticas cotidianas, tais como: tradições, artesanatos, religiosidade, mitos, utensílios domésticos etc.

Partindo do objetivo principal de compreender as principais expressões culturais Afro-brasileiras através da etnohistória e da memória coletiva visando à identificação étnico-racial e a ancestralidade dos moradores da comunidade Garrote, é relevante afirmar, que apesar de o Brasil ter sido construído pelas mãos de africanos escravizados e/ou negros libertos, este reconhecimento quase não existe ou resiste em não vir à tona diante de uma tentativa de implantação da cultura eurocêntrica na nação (PRAXEDES, 2008).

Deste modo, este estudo é mais um esforço na busca de identificar, descrever e localizar descendentes de escravizados negros que habitaram e habitam em terras alencarinhas a despeito do já debelado mito de que no “Ceará não tem Escravos.” No passado e no presente a presença de afrodescendentes no Estado do Ceará é uma realidade inegável. Mas, algumas questões necessitam de reflexões sobre essa temática: “Onde estão os remanescentes de escravos negros? Onde estão os descendentes dos quilombos? Pensar essas questões é reforçar um laço com o passado que ganha sentido no presente.” (DUQUE, 2009, p. 25).

Os procedimentos metodológicos utilizados para a construção desta escrita partiram da etnohistória aplicando-se o procedimento técnico etnográfico e abordagem qualitativa com o recurso metodológico da história oral. Para tanto, partimos de dados escritos somados à observação e interpretação etno-cultural afro-brasileira *in loco*. Com relação às técnicas de coletas de dados, as entrevistas, são de caráter espontâneo no sentido de captar as respostas, sobretudo, dos mais idosos (as) da comunidade, que migraram de uma localidade do interior do município de Sousa no vizinho Estado da Paraíba, nos idos iniciais da década de 1940 e formaram a comunidade de Garrote na zona rural do atual município de Itapiúna-CE.

Os recursos materiais utilizados foram; gravadores, máquina fotográfica, cadernos de campo. A pesquisa, embora utilize alguns dados quantitativos já existentes com relação ao desenvolvimento dos estudos culturais no Estado e nos municípios, serão qualitativos preponderantes. Ainda sobre a metodologia, o recurso da história oral é de suma importância, pois, permite ouvir e registrar através das narrativas, sobretudo, com os mais idosos (as), pois, suas experiências de vida ou suas vozes do passado permitem-lhes conhecer com maior afinco

a história e a cultura de seus ancestrais, bem como demonstram prazer de repassá-las reconhecendo e se orgulhando de seu pertencimento étnico-racial (XAVIER, 2014).

Este trabalho está constituído em duas partes. A primeira parte do texto vai identificar a através das narrativas dos moradores, a formação da comunidade Garrote pela família do patriarca paraibano João Pereira da Silva, popularmente conhecido por João Gavião. Mostrando motivos e aspectos que levaram a família deixar a cidade de Sousa na Paraíba para povoar uma cidade no interior do Estado do Ceará.

Na segunda parte do texto vai destacar o aspecto étnico racial e cultural dos moradores da comunidade, como o seu modo de viver, seus valores, costumes e sua cultura, mostrando suas características e manifestações afro-brasileiras, demonstrando bem no manuseio e produção com o barro, conhecimento este que se tornou ao longo dos anos uma das principais fontes de renda dos moradores. Assim, destacando o legado cultural e as lembranças deixadas pelos mais velhos que vieram da Paraíba. Como também ao decorrer do texto, demonstrando a carência sofrida pelos moradores por falta de demandas do poder público em garantir os devidos direitos de uma comunidade negra.

2 FORMAÇÃO DA COMUNIDADE GARROTE EM ITAPIÚNA, CEARÁ

Atualmente, a comunidade de Garrote é composta por cerca de 83 (oitenta e três) famílias, com 500 a 600 pessoas estimadamente, sendo que a maioria da população pertence ainda à mesma família que chegou em 1941, sob a liderança de João Gavião. Ou seja, a união dos moradores locais é feita principalmente por primos, e que têm como predominância a cor negra.

Figura 2. Imagem da chegada na Comunidade Garrote



Fonte: Acervo dos autores

A formação da comunidade Garrote deu-se através do pioneirismo de João Pereira da Silva, “João Gavião” que partiu da localidade de Canto, município de Sousa, Estado da Paraíba (PB) juntamente com a sua mulher Maria Felismina da Conceição, seus filhos, genros, noras, netas e netos para povoar uma comunidade, posteriormente, denominada de fazenda Garrote, localizada na zona rural, distante cerca de 15 Km da sede do município de Itapiúna-CE.

As razões que levaram João Gavião e sua família a deixarem suas origens na Paraíba para virem morar numa localidade rural inóspita e sem outros atrativos naturais, zona de transição do Maciço de Baturité-CE com o tórrido sertão central, são contadas de forma múltiplas. Dona Rita Maria Felix (80 anos), bisneta do paraibano João Gavião, nascida na Paraíba conta que, João Gavião veio para a cidade de Canindé no período das festas em homenagem a São Francisco de Assis com seu filho mais velho, Pedro pagar uma promessa que tinha feito. Na viagem, ao conhecer uma propriedade, acabou fazendo a compra definitiva do terreno que é hoje a comunidade Garrote.

Outro motivo da vinda da família, teria sido para evitar algum tipo de violência que se pudesse acontecer com algum parente, ou talvez mesmo com João Gavião devido a motivos amorosos.

Segundo entrevista concedida por Francisco Chagas de Sousa (69 anos) neto de João Gavião, morador da comunidade Garrote, tudo começou com um homem chamado Zé Cândido, que já era bem conhecido por ter uma imagem ruim na região por namorar as meninas e depois não casar, ele então começou a namorar uma neta de João Gavião, que por fim namorou e pediu ela em casamento, João Gavião não negou, mas sabendo do histórico de Zé Cândido, avisou

“Você Seu Zé tem costume de pedir filha de homem em casamento, quando vai ajeitar o casamento você não quer e corre. Mas ela não é filha minha não é só uma neta, mas é como ser uma filha, porque sou eu que a crio.” (SOUSA, 2015, Entrevista).

O tempo foi passando e quando já estava perto da data do casamento Zé Cândido contou ao João Gavião que só iria casar para fazer o gosto da família, foi daí então que deu início o real motivo do conflito:

Já estar acabado o casamento, agora você vai se arrepender mais do que eu, porque eu ti avisei. Então por causa disso o meu avô (João Gavião) juntou seus filhos que tinha, até meu Pai que era genro dele, e foram para uma plantação de Algodão e pegaram o homem (Zé Cândido) e deram um cristal de pimenta (Machucado) nele. E isso aconteceu na fazenda de um Coronel, que seu avô errou porque foi na fazenda do Coronel, que era até seu Compadre, por causa dessa questão. Então para não ser preso vendeu tudo por lá, e veio embora pra cá. (SOUSA, 2015 -Entrevista).

A partir desse motivo relatado por seu Francisco Chagas de Sousa, neto de João Gavião, este decidiu se mudar para outro local com toda a sua família,

Depois de Sousa, em Cajazeiras, era fazenda de meu Avô (João Gavião) que mandou comprar logo aqui (Garrote), depois que compraram, então venderam lá (Cajazeiras). Eram oito filhos, faleceu lá um e vieram apenas sete filhos, e a sua mulher Felismina. Então começaram a povoar, vieram sete filhos, mas foram doze famílias que vieram para cá, vieram de carro e outros de animal. Agora povoaram, e ainda tem muitos em São Paulo e em Fortaleza, a família é grande, a comunidade é só uma família, mas já vêm chegando pessoas de fora, mas a maioria é só família. (SOUSA, 2015 - Entrevista).

Partiram em dezembro de 1941 com destino ao Ceará, os homens em sua maioria fizeram todo o trajeto carregando os animais com os comboios, as mulheres e crianças vieram de carro. Essa família então veio trazendo consigo seus costumes, tradições, crenças, mitos, seus modos de viver, além de sua cultura, principalmente no conhecimento com o barro na produção de utensílios como potes, taxas de torrar café, panelas, telhas, tijolos e louças, entre outros materiais. Para se abrigarem, ao chegar à nova terra construíram casas de Taipas para morarem e seu sustento garantiram como podiam, através principalmente da agricultura e nas produções com o barro, feitas em sua maioria por mulheres.

João Gavião não teve muito tempo para aproveitar a nova moradia, pois em 1943 veio a falecer, deixando todo o terreno para seus filhos e sua mulher, que logo após sua morte foi morar com seu filho Pedro nas Itãs, outro distrito de Itapiúna -CE. Deixando, além do terreno,

o seu modo de educar os mais novos, seu jeito meio grosseiro, como conta em uma lembrança da afilhada bisneta de João Gavião, Rita Maria Félix (80 anos),

Padrin gavião era preto, tinha uma venta de grande, cabelo pixaim parecendo umas pipocas. E era velho nojento, parecia um “cangaceiro vei”. Madrinha (Felismina) era calma, mas padrin queria ser mais macho do que os outros, e nem porque já era velho, imagina quando era novo. (FÉLIX, 2015a - Entrevista).

Dona Rita, bisneta de João Gavião, conta que nasceu em 1936, veio da Paraíba com sua família de transporte, e a viagem durou três dias devido o motorista ter errado o trajeto até o local de destino. Observamos que ao contar os fatos Dona Rita parece ter com tais lembranças prazer rememorativo.

[...] o pesquisador vivencia e sente a realidade lembrada do passado ao presente e do presente ao passado num jogo dialético de fluxos e refluxos memoriais que vêm à tona entre saudades, lembranças e esquecimentos. Este é um poder exclusivo da História oral que tem a capacidade de fazer aflorar muitas surpresas históricas por meio das narrativas. (XAVIER, 2014, 297-298).

Durante o momento da entrevista ficou bem nítido a satisfação de Dona Rita ao relembrar a história dos seus antepassados, da importância e do legado deixado pelos mais velhos que vieram da Paraíba.

3 IDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E CULTURAL DA COMUNIDADE GARROTE

A comunidade é muito conhecida pela região por ser composto em sua maioria por negros, como também pelos modos de vida e a produção de artesanatos com o barro. Fazeres esses herdados dos mais velhos, que moravam na Paraíba e vem sendo transmitido aos mais novos que nasceram em solo cearense. Os traços étnico-raciais e culturais apontam que João Pereira da Silva, o “João Gavião” e sua família são descendentes de africanos escravizados do vizinho Estado da Paraíba. “A mãe de João Gavião era uma escrava” garante o morador da comunidade, o Senhor Francisco Aluísio da Silva (51 anos) bisneto de João Gavião.

Todavia, se não há uma demanda do poder público em reconhecer essa comunidade com traços quilombolas visíveis, os moradores também não têm a consciência ou ainda não despertaram para tal fato, ignorando muitas vezes, suas raízes e tradições. Devido a isso

algumas manifestações culturais essencialmente afro-brasileiras, estão se deslocando para outras localidades em razão da falta de consciência da pertença aos habitantes dessa comunidade.

Partindo do pressuposto básico e inegável de que o Brasil foi construído pela mão-de-obra africana, sobretudo escrava que não somente trabalhou, mas povoou e constituiu a seiva cultural da nação, Carvalho assevera;

[...]. Os africanos escravizados no Brasil participaram de todas as atividades produtivas, na agricultura, nos engenhos, na mineração, na pecuária, nos transportes no comércio do interior e das cidades, em todas as atividades a escravidão africana esteve presente. Os impactos disto para a formação social brasileira são sentidos ainda nos dias de hoje. O racismo, a exploração e a miséria que a imensa maioria dos afro-descendentes sofrem são reflexos diretos desta longa trajetória de opressão [...]. O tráfico de escravos, ao transportar as suas “peças” estava, antes de tudo, transportando também, crenças, valores, costumes, enfim, culturas. (CARVALHO, 2008, p. 5-6).

Mas, quem conta essa história e como ela é abordada nas relações cotidianas? Essas são questões fundamentais quando fazemos uma análise da literatura que trata da História da Cultura Afro-Brasileira e Africana, pois

Apesar de a África ser o continente mais próximo do Brasil, de existirem imensas semelhanças humanas e naturais entre ambos, de ter havido uma forte interação ao longo da história e de os afrodescendentes constituírem cerca de um terço de nossa população [...], existe um desconhecimento profundo de sua história e de nossas relações com ela. Ainda assim, no entanto, a África está se tornando moda. Proliferam cursos e publicações, muitos dos quais bastante superficiais, emotivos e equivocados. A África ou a cultura africana, como totalidade histórica, não existe abstratamente em si mesma, pois representa de certa forma, a resposta a uma criação europeia. A cultura africana constitui um movimento reativo transatlântico antiescravista e antirracista, surgido em fins do século XIX. (VISENTINI; RIBEIRO; PEREIRA, 2013, p. 12).

Essa falta de conhecimento ou dizendo melhor: esse desprezo pelo conhecimento da cultura constituidora e formadora da nação causou e causa consequências irreparáveis para o projeto de nação que busca ser democrática, igualitária, fraterna e liberta de preconceitos, discriminação e de qualquer forma de xenofobismo reconhecendo a cultura de nossos ancestrais como é o caso dos moradores da Comunidade Garrote e suas práticas culturais.

Figura 3. Práticas de barro feito pelos moradores



Fonte: Acervo dos autores disponíveis nos arquivos do Grupo de Pesquisa GPS.

Práticas culturais de barro feitas pelos moradores da comunidade Garrote, que guardam com orgulho os últimos utensílios produzidos no período que faziam para vender, e com isso poder garantir uma renda a mais na casa. Levando em conta que a principal renda da comunidade é fruto da agricultura. Nas imagens mostram um pilão de pisar milho, e dois potes, ambos produzidos de barro. Sendo essas produções, umas das maiores riquezas culturais da comunidade.

Deste modo, ao se falar de cultura é preciso ter em mente que cultura se refere a toda produção material e imaterial humana acumulada e preservada ao longo de suas histórias de vida e transmitida de geração em geração. O reconhecimento da cultura emancipa a pessoa e lhe proporciona cidadania. Mesmo após sua morte a cultura preserva e traz à tona, através da memória, o legado histórico, sua representação e simbolismo (GEERTZ, 1973; SODRÉ, 1994; BUARQUE DE HOLANDA, 1995; XAVIER; XAVIER; LOPES, 2014).

Os moradores da comunidade anos atrás se destacavam sobre as demais localidades sobre sua cultura do saber fazer com o barro, na produção de potes, taxas de torrar café, panelas, tijolos, telhas, e outros tipos que podiam ser feitos com o barro. Eram feitas em sua maioria por mulheres, que faziam todo o trabalho de pegar barro nos terrenos perto dos riachos, queimarem o barro, dar o toque final no material, e por fim fazer a venda.

O modo com que essas mulheres davam vida ao barro para a produção de utensílios foi ao longo dos anos fundamental para que se pudessem sobreviver e ajudar a renda na casa. E esse conhecimento com o manuseio do barro veio junto com os mais velhos da Paraíba, que não vieram somente para povoar, mas trouxeram também seu legado cultural, como o caracterizou como símbolo principal de uma comunidade negra rural no interior do Estado do Ceará, e como um orgulho para quem produzia como Dona Joana Maria Félix (52 anos):

[...] se tiver o barro ainda faço. Tinham muitas pessoas que faziam, queimavam o barro. Ainda ela tem vontade de fazer porque achava bom, fazia potes, panelas, jarros, faziam tudo no mundo de barro. Se tivesse um galpão certo onde pudesse levar o material, se alguém ajudasse se reunisse, porque não é fácil fazer sozinho, falta de incentivo. Que agora não é todo mundo que quer trabalhar agora, porque as mais novas não têm interesses, porque esses começavam mais não terminavam (FÉLIX, 2015b - Entrevista).

Como conta em seus relatos Dona Rita “Na família só as mais velhas faziam, hoje em dia as mais novas não têm muito interesse em fazer, muito devido as dificuldades em encontrar o barro. Seu marido fazia muito era telha, tijolo. Aprenderam aqui, mas o costume veio de lá, que os mais velhos todos faziam, quando acabavam iam para as feiras de Sousa, de Canto iam vender.” Lembra de como fazia para pegar o barro nos riachos, até dos últimos acabamentos, conta com uma emoção ao lembrar do que fazia Dona Rita Maria Félix:

Amassava o barro, quando acabava quebrava ele todinho, e botava de molho, no outro dia ia amassar, e era com areia, e ainda era areia de riacho, porque área de rio não presta não, porque a água fica quente. Nós tudinho fazia, até cabaça de barro cansou de fazer, cabaça, quartinha, faz quartinha com duas bocas, só de uma. Tudo isso fazíamos. Fazia Taxa de torra café, tudo no mundo nos fazíamos, “ora se o pote era difícil de fazer, e fazíamos, imagine a taxa que é uma vasilha aberta. (FÉLIX, 2015a - Entrevista).

Depois de feito o material, as mulheres se reunião para vender, e os jumentos eram utilizados como principal transporte para as vendas nas regiões próximas, como Palmatória, Caio Prado, Aratuba, no centro de Itapiúna, e no bem conhecido ponto de venda na feira de Baturité, em frente à Igreja de Santa Luzia. Voltavam com as cestas vazias, todos os utensílios vendidos, e com a satisfação em alta, com a sensação de dever cumprido. Mas ao longo dos anos, as mulheres foram envelhecendo, e as condições para fazer a produção foram se tornando cada vez mais difíceis.

Uma série de motivos fizeram com que boa parte dessas mulheres deixasse de fazer, tanto por falta de incentivo, outro devido as mais novas não quererem se sujar, porque hoje em dia ser tudo mais fácil, e um outro ponto é que não tem mais onde “arrancar” os barros, pois os donos dos terrenos não querem que cavem mais o local que é propício para pegar o barro. Deixando apenas as velhas lembranças e a vontade de voltar a fazer tais práticas, é como lembra Dona Joana Félix

Se tiver alguém para continuar a fazer as práticas de barro eu volto a fazer. Não queria ficar parado, às vezes falta dinheiro e seria bom para a economia da casa. Com a chegada da energia poderíamos até fazer a noite. Fazíamos barros por traz da igreja, (era o barreiro). Mas o forno onde queimava o barro é perto de casa. Primeiro pegavam no terreno em que depois da construção da igreja impediram que continuassem pegando barro ali, mas hoje em dia ninguém que doar o terreno para “arrancar” o barro. (FÉLIX, 2015b – Entrevista).

Figura 4. Forno e pote de barro



Fonte: Acervo dos autores disponíveis nos arquivos do Grupo de Pesquisa GPS.

A imagem da esquerda trata-se de um forno que fica localizado no quintal da casa de Dona Joana usado para queimar o barro. Como eram poucas as casas que tinham o forno, as mulheres se reuniam e se revezavam de casa em casa ajudando uma com outra, demonstrando assim a união dos moradores da família. Na outra imagem é um pote de barro guardado com muito orgulho em uma casa de Dona Iracema de Oliveira Lima, neta de João Gavião.

Atualmente, esses conhecimentos e produção com o barro que antes eram passados de geração a geração desde os tempos dos mais velhos que vieram da Paraíba, estão se acabando gradativamente. Tendo poucos moradores que ainda levam esse conhecimento, que ainda valorizam, e que sabem que esse conhecimento foi fundamental para se manter desde a chegada em 1941, até os dias atuais. Mas que mesmo assim não são valorizados por essa cultura diante dos governantes, pela falta de incentivo, apoio e um reconhecimento merecido a essa cultura, que é rica em conhecimento, e símbolo de uma comunidade negra rural no interior do Estado do Ceará.

Figura 5. Rezadeira



Fonte: Acervo dos autores disponíveis nos arquivos do Grupo de Pesquisa GPS.

A imagem acima mostra um hábito muito conhecido e que permanece vivo na cultura dos moradores da comunidade local, sobretudo pelos mais velhos, conhecimento este que é transmitido ao longo dos anos de geração a geração, e mostrando assim a sua devida importância para a comunidade. Como é o caso da moradora da comunidade, que faz através da oração, utilizando plantas, a exemplo da imagem o pinhão roxo como prática de cura. Fazendo com que tornar-se bastante conhecida na comunidade e região próxima visto como um “primeiro socorro”, sendo preferido até do que medicamentos da farmácia, principalmente para a cura de crianças.

Ainda é fácil encontrar seguidores da religião de matriz africana, utilizando o sincretismo religioso, como forma de manter e preservar sua religião, como é o caso da neta de João Gavião. Levando sempre em conta a predominância do catolicismo popular na comunidade como marca presente. (IANNI, 2004).

Durante as várias visitas aos moradores da Comunidade Garrote alguns traços peculiares aos afrodescendentes quilombolas, além da cor é possível perceber.

- Algumas atitudes, que lhes são peculiares, tais como: alegria, idoneidade, identidade própria, expectativa de progredir; - Forte sentimento de família, de respeito entre as famílias, além de uma efetiva participação das mulheres na vida comunitária; - Considerável espírito comunitário, com capacidade para viver coletivamente; - Valorização do meio ambiente; - Capacidade de resistência, inclusive coletiva, e luta pela terra, pelas tradições, pelos direitos;

- Expressivos valores culturais, tais como religiosidade, apego às tradições culturais, respeito às raízes e à sabedoria ancestrais; - Conhecimento do perímetro das terras a que têm histórico direito de propriedade; - Despertar e surgimento de lideranças novas; - Forma gregária de produzir, através de processos com reduzido impacto ambiental; - Potencialidade para uma agricultura de mercado mais eficiente, para o artesanato e para o turismo etnocultural. (MIRANDA, 2009, p. 26).

Na comunidade Garrote a divisão social do trabalho é bem nítida: as mulheres são mais ocupadas nas atividades domésticas e na produção de artesanatos e utensílios domésticos, tecelagem ou em outras ocupações típicas. Por outro lado, os homens são responsáveis para trabalharem nas plantações de milho e feijão no inverno na pesca e na caça fazendo vários serviços dentro da comunidade e em localidades próximas.

Os moradores da Comunidade Garrote estão desprovidos dos serviços públicos mais básicos. Contudo, do que mais reclamam é água potável. Levando em conta que é uma comunidade em sua maioria formada por negros, fica nítido como essa comunidade é deixada de lado, revelando a situação desfavorável em que sofre o negro na sociedade brasileira,

[...] a percepção de que apesar do Brasil ser o segundo país do mundo a ter a maior concentração de afros-descendente, perdendo apenas para a Nigéria, a população negra vive em condições precárias. Escondem-se diferenças brutais entre as condições de vida das populações negra e branca, em relação à mortalidade infantil, expectativa de vida, níveis de educação e de renda, taxa de desemprego, sendo que a maioria ainda sofre as conseqüências do passado.

Faltam também áreas de lazer para as crianças, posto de saúde e principalmente incentivos para manter a cultura dos moradores da comunidade como mecanismo de preservação e identificação ancestral.

Contudo, podemos elencar a falta de políticas públicas visando o reconhecimento, a preservação e atenção para as expressões culturais afro-brasileira na comunidade Garrote, visando à preservação da história e memória da ancestralidade africana, bem como consolidar as pesquisas diante da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) acionando, quem sabe, futuramente, o Programa Brasil Quilombola (PBQ) para as devidas providências. O reconhecimento das expressões culturais afro-brasileiras e africanas repousa material e imaterialmente na comunidade necessitando continuar com mais afinco, sobretudo com o amparo da legislação e da Carta Magna de 1988 (BRASIL, 1988; 2003).

Essa tomada ou retomada de consciência deve ser uma constante, sobretudo no âmbito das políticas afirmativas educacionais, pois até hoje nas escolas brasileiras estão refletidas a reprodução da desigualdade e a discriminação étnico-racial (MUNANGA, 2008).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa proporcionou a identificação da comunidade Garrote situada na zona rural do município de Itapiúna, localizado na Macrorregião do Maciço de Baturité, Estado do Ceará. Por meio do recurso metodológico da história oral e da pesquisa de campo através das técnicas da observação e das entrevistas foi possível compreender em seus aspectos históricos, culturais e étnico-raciais a Comunidade Garrote. Foi possível perceber a importância do legado cultural perpassados pelos mais velhos que vieram da localidade de Canto, no município de Sousa, estado da Paraíba e a unidade familiar preservada na Comunidade.

Foi possível também detectar, durante a coleta das narrativas e ao longo da pesquisa para o artigo, o quanto essa comunidade precisa de políticas públicas que possam dar apoio aos moradores que vem sofrendo diversas privações de serviços básicos ao longo dos anos. Mas, apesar do descaso do poder público à essa comunidade de traços quilombolas, seus saberes tradicionais e suas práticas culturais ancestrais, continuam vivos e vívidos material e imaterialmente nas práticas do cotidiano e na memória dos moradores de Garrote.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal, Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira", e dá outras providências).

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. 26. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, Juvenal de. **Brasil, África e Atlântico Sul**. Salvador: FTC EAD, 2009.

DUQUE, Adauto Neto Fonseca. Afrodescendentes: resistência, organização e embates na luta por espaços. Documentos. **Revista do Arquivo Público do Estado do Ceará**: Afro-brasileiro: história e educação. Fortaleza: v. 7 – 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1973.

IANNI, Otávio. **Pensamento social no Brasil**. São Paulo: EDUSC, 2004.

MIRANDA, Dayane Gusso. Contemporaneidade no quilombo. Trabalho final de graduação. 95 f. **Relatório de Pesquisa**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba 2009.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

PRAXEDES, Walter. **Eurocentrismo e racismo nos clássicos da filosofia**. Revista Espaço Acadêmico N° 83, mensal, abril de 2008. <<http://www.espacoacademico.com.br/083/83praxedes.htm>> Acesso em: 15 de dezembro de 2015.

SILVA, A. M. C. **Um estudo analítico da condição do negro no Brasil**. In: I Congresso Nacional e II Regional do Curso de História da UFG/Jataí "Uma corte europeia nos trópicos" & I Simpósio do GT de História Cultural da ANPUH/GO, 2008, Jataí-GO. Uma corte europeia nos trópicos, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 17. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **História da África e dos Africanos**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

XAVIER, Antonio Roberto. **Joana Paula de Moraes: história, memória e trajetórias educativas (1900-1963)**. 411 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

XAVIER, Lisimére Cordeiro do Vale; XAVIER, Antônio Roberto; LOPES, Kátia Cilene Ribeiro. “Cultura Viva” no contexto do imaginário do desenvolvimento brasileiro: arte, educação e cidadania. In: VASCONCELOS, José Gerado; MOTA, Bruna Germana Nunes; BRANDENBURG, Cristine (orgs.) et al. **Filosofia, Cultura e Educação**. –Fortaleza: Edições, UFC, 2014.

FONTES ORAIS

FELIX, Joana Maria. Entrevista. **Entrevistador**: Júlio César Lopes de Oliveira. Comunidade Garrote, Itapiúna – CE., 26 Nov. 2015b. Mp2, 30 min. Disponível no acervo pessoal dos autores.

FELIX, Rita Maria. Entrevista. **Entrevistador**: Júlio César Lopes de Oliveira. Comunidade Garrote, Itapiúna – CE., 26 Nov. 2015a. Mp2, 35 min. Disponível no acervo pessoal dos autores.

SILVA, Francisco Aluísio da. Entrevista. **Entrevistador**: Júlio César Lopes de Oliveira. Comunidade Garrote, Itapiúna- CE., 26. Nov. 2015. Mp2, 23 min. Disponível acervo pessoal dos autores.

SOUSA, Francisco Chagas de. Entrevista. **Entrevistador:** Júlio César Lopes de Oliveira. Comunidade Garrote, Itapiúna- CE., 26. Nov. 2015. Mp2, 23 min. Disponível acervo pessoal dos autores.